

"Um thriller histórico delicioso, atraente,  
insinuante e bem contado." — *Chicago Tribune*

# KEN FOLLETT



O HOMEM DE  
SÃO PETERSBURGO



## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

*Não se pode amar a humanidade.  
Pode-se amar apenas as pessoas.*

– GRAHAM GREENE

## CAPÍTULO UM

**E**RA UMA TARDE CALMA de domingo, do tipo que Walden amava. Parado diante de uma janela aberta, ele contemplava o parque. O gramado amplo e bem-cuidado era repleto de árvores frondosas: um pinheiro-silvestre, dois carvalhos imensos, vários castanheiros e um salgueiro que parecia uma cabeça feminina cheia de cachos. O sol estava alto e as árvores projetavam sombras escuras. Os pássaros estavam em silêncio, mas da trepadeira florida ao lado da janela soava um zumbido de abelhas satisfeitas. A casa também estava silenciosa. A maioria dos criados estava de folga. Os únicos hóspedes do fim de semana eram o irmão de Walden, George, com a mulher, Clarissa, e os filhos deles. George saíra para dar um passeio, Clarissa descansava e as crianças achavam-se fora de vista. Walden estava totalmente à vontade. Tinha usado uma sobrecasaca para ir à igreja, como não poderia deixar de ser, e, dentro de uma ou duas horas, colocaria a gravata branca e a casaca para o jantar. Agora, porém, estava confortável num terno de tweed com uma camisa de colarinho mole. E se Lydia tocar piano esta noite, pensou, o dia será perfeito. Virou-se para a mulher.

– Vai tocar hoje, depois do jantar?

– Se você quiser – falou Lydia, sorrindo.

Walden ouviu um barulho e tornou a olhar pela janela. No ponto mais distante da estrada, a cerca de meio quilômetro, um automóvel apareceu. Walden sentiu uma irritação repentina, como a pontada de dor que experimentava na perna direita antes de uma tempestade. Por que um carro me irritaria?, pensou ele. Não era contra automóveis. Possuía, inclusive, um Lanchester, que usava com regularidade em viagens para Londres. No verão, porém, os automóveis representavam um grande transtorno para a aldeia, levantando nuvens de poeira ao passarem ruidosamente na estrada sem pavimentação. Ele estava pensando em revestir uns 200 metros da estrada com macadame. Normalmente não teria hesitado em fazê-lo, mas as estradas não eram mais responsabilidade sua desde 1909, quando Lloyd George instituíra as Comissões de Estradas – e essa era, compreendeu Walden, a fonte de sua irritação. Fora um exemplo característico de legislação liberal: tiravam dinheiro de Walden para fazer o que ele teria feito de

qualquer maneira e depois não concluíam. Imagino que, ao fim, terei de pavimentar a estrada pessoalmente, pensou ele, mas me irrita ter de pagar duas vezes pelo mesmo serviço.

O automóvel entrou na área coberta de cascalho e parou diante da porta do lado sul, estremeando e fazendo barulho. A fumaça do cano de descarga chegou até a janela, e Walden prendeu a respiração. O motorista, de capacete, óculos de proteção e casaco comprido, saltou e abriu a porta para o passageiro, um homem baixo, de casaco e chapéu de feltro pretos. Walden o reconheceu e sentiu um peso no coração. A serenidade da tarde de verão terminara.

– É Winston Churchill – murmurou ele.

– Que constrangedor – comentou Lydia.

O homem simplesmente se recusava a aceitar um não. Na quinta-feira, enviara um bilhete que Walden ignorara. Na sexta-feira, telefonara para a casa de Walden em Londres e fora informado de que o conde não estava. Agora, aparecia ali em Norfolk num domingo e seria dispensado de novo. Será que ele acha que sua obstinação vai me impressionar?, pensou Walden.

Detestava ser grosseiro com as pessoas, mas Churchill bem que merecia. O governo liberal de que o homem era ministro estava empenhado em ataques insidiosos contra as próprias fundações da sociedade inglesa, taxando abusivamente as propriedades rurais, enfraquecendo a Câmara dos Lordes, tentando entregar a Irlanda de mão beijada aos católicos, debilitando a Marinha Real e cedendo às chantagens dos sindicatos e dos malditos socialistas. Walden e seus amigos não podiam confraternizar com gente desse tipo.

A porta se abriu e Pritchard entrou na sala. Era proveniente do East End londrino e tinha os cabelos pretos cheios de brilhantina e um ar de gravidade fingida. Fugira para o mar ainda menino e descera do navio na África Oriental. Walden, que estava lá num safári, contratara-o para supervisionar os carregadores nativos. Estavam juntos desde então. Pritchard era agora o mordomo de Walden e viajava com ele de uma casa para outra; um amigo até o ponto em que um criado podia sê-lo.

– O Primeiro Lorde do Almirantado está aqui, milorde – anunciou Pritchard.

– Diga que não estou em casa.

O homem ficou visivelmente constrangido. Não estava acostumado a dispensar ministros. O mordomo de meu pai teria feito isso sem pestanejar, pensou Walden. Mas o velho Thomson estava agora aposentado, culti-

vando rosas no jardim do seu pequeno chalé no vilarejo, e Pritchard jamais adquirira a mesma dignidade inabalável.

Pritchard passou a não pronunciar os agás aspirados do inglês, um sinal de que estava ou muito relaxado ou muito tenso.

– O Sr. Churchill falou que o senhor diria isso e pediu que lhe entregasse esta carta.

E estendeu-lhe uma bandeja com um envelope.

Walden não gostava nem um pouco de ser pressionado.

– Devolva a ele e... – começou a falar em um tom irritado, então parou de repente e olhou atentamente para a caligrafia no envelope.

Havia algo familiar naquela letra grande, um pouco inclinada.

– Ah, meu Deus – murmurou o conde.

Pegou o envelope, abriu-o e tirou lá de dentro uma folha de papel branco e grosso dobrada ao meio. O timbre real estava no alto da página, impresso em vermelho. Walden leu:

*Palácio de Buckingham*

*1º de maio de 1914*

*Meu caro Walden,*

*Queira receber o jovem Winston.*

*Jorge V*

*Rex imperator*

– É do rei – disse Walden a Lydia.

Ficou tão constrangido que chegou a corar. Era *lamentável* usar o rei para algo assim. Walden sentia-se como um colegial que recebe a ordem de esquecer as desavenças e cuidar de seus deveres. Por um momento, ficou tentado a desafiar o rei. Mas as consequências... Lydia não seria mais recebida pela rainha, as pessoas não poderiam mais convidar os Waldens para festas em que um membro da Família Real estivesse presente e, o pior de tudo, a filha deles, Charlotte, não poderia ser apresentada à corte como debutante. A vida social da família ficaria arruinada. Seria melhor até que se mudassem para outro país. Não, não havia a menor possibilidade de desobedecer ao rei.

Walden suspirou. Churchill o derrotara. De certa forma era um alívio,

pois agora poderia se entender com os liberais sem que ninguém o culpasse por isso. *Uma carta do rei, meu caro*, diria ele, à guisa de explicação; *não pude fazer nada*.

– Peça ao Sr. Churchill para entrar – disse ele a Pritchard.

Walden entregou a carta a Lydia. Os liberais realmente não compreendiam como a monarquia devia funcionar, refletiu.

– O rei não é firme o bastante com essa gente.

– A situação está se tornando terrivelmente desagradável – falou Lydia.

Mas ela não está nem um pouco aborrecida, pensou Walden. Deve estar achando tudo emocionante e só fez o comentário por ser o que uma condessa inglesa diria. E como não era inglesa, mas russa, gostava de dizer coisas tipicamente inglesas, da mesma forma que um homem falando francês diria a todo instante *alors e hein?*

Walden foi até a janela. O carro de Churchill ainda estava arquejando e soltando fumaça lá fora. O motorista se encontrava de pé ao lado do automóvel, com a mão na porta, dando a impressão de que tinha que segurar o veículo como a um cavalo, a fim de impedir que se afastasse. Alguns criados olhavam, a uma distância segura.

Pritchard tornou a entrar na sala e anunciou:

– Sr. Winston Churchill.

Churchill estava com 40 anos, exatamente dez anos mais novo que Walden. Era um homem baixo, esguio e que se vestia de uma maneira que Walden julgava elegante demais para se enquadrar nos critérios de um verdadeiro cavalheiro. Os cabelos rareavam com rapidez, sobrando apenas um tufo na frente e duas mechas nas têmporas que, junto com o nariz pequeno e um constante faiscar sarcástico nos olhos, lhe proporcionavam uma aparência maliciosa. Era fácil perceber por que os caricaturistas o apresentavam tantas vezes como um querubim maligno.

Ele apertou a mão do conde alegremente.

– Boa tarde, lorde Walden. – Fez uma reverência para Lydia. – Como tem passado, lady Walden?

O que há nesse homem que me irrita tanto?, pensou Walden.

Lydia ofereceu chá e Walden o convidou a sentar-se. Não queria saber de conversa fiada. Estava impaciente para descobrir de uma vez o motivo da visita.

– Em primeiro lugar – começou Churchill –, ofereço minhas desculpas, junto com as do rei, por me impor à sua presença.

Walden assentiu. Não ia fingir que estava tudo bem.

Churchill continuou:

– Devo acrescentar que eu não agiria assim se não houvesse motivos muito urgentes.

– Seria melhor que me explicasse quais são eles.

– Sabe o que está acontecendo no mercado financeiro?

– Claro que sei. A taxa de desconto subiu.

– De 1,75% para quase 3%. É uma alta enorme e ocorreu em poucas semanas.

– Imagino que você saiba o porquê.

Churchill assentiu.

– As empresas alemãs estão faturando as dívidas em larga escala, recebendo o dinheiro e comprando ouro. Mais algumas semanas nesse ritmo e a Alemanha terá recebido tudo o que outros países lhe devem, ao mesmo tempo que deixará as próprias dívidas com eles pendentes, e as suas reservas de ouro serão maiores do que nunca.

– Eles estão se preparando para a guerra.

– Assim e de muitas outras formas. Arrecadaram 1 bilhão de marcos, muito acima da taxa normal, a fim de melhorar um exército que já é o mais forte da Europa. Você deve se lembrar de que em 1909, quando Lloyd George aumentou a taxa britânica em 15 milhões de libras esterlinas, quase houve uma revolução. Bem, 1 bilhão de marcos é o equivalente a 50 milhões de libras. É a maior arrecadação na história europeia...

– É verdade – interrompeu Walden. Churchill ameaçava tornar-se dramático e Walden não queria que ele fizesse discursos. – Nós, conservadores, estamos preocupados com o militarismo alemão há algum tempo. Agora, na última hora, você vem me dizer que estávamos certos.

Churchill se manteve inabalável.

– É quase certo que a Alemanha vá atacar a França. A pergunta é: nós partiremos em auxílio da França?

– Não – respondeu Walden, surpreso. – O secretário do Exterior nos garantiu que não temos quaisquer obrigações com a França...

– Sir Edward foi sincero, é claro – disse Churchill. – Mas está enganado. Nossa aliança com a França é tão forte que não poderíamos ficar de braços cruzados, assistindo à sua derrota para a Alemanha.

Walden ficou chocado. Os liberais haviam convencido todos, incluindo ele, de que não levariam a Inglaterra à guerra. Agora, um de seus ministros mais eminentes estava dizendo justamente o contrário. A dissimulação dos



políticos era algo irritante. Mas Walden esqueceu isso ao começar a pensar nas consequências da guerra. Pensou nos jovens que ele conhecia que teriam de lutar: os pacientes jardineiros de seu parque, os lacaios insolentes, os camponeses de rosto moreno, os estudantes turbulentos, os preguiçosos dos clubes de St. James... Depois esse pensamento foi suplantado por outro, muito mais terrível.

– Mas podemos vencer? – perguntou ele.

Churchill tinha o semblante sombrio.

– Acho que não.

Walden o encarou.

– Meu Deus! O que vocês fizeram?

Churchill se colocou na defensiva:

– Nossa política tem sido a de evitar a guerra, e não é possível fazer isso e ao mesmo tempo se armar até os dentes.

– Mas não conseguiram evitar a guerra.

– Ainda estamos tentando.

– Mas você acha que vão fracassar.

Churchill o fitou com uma expressão beligerante por um momento, e depois engoliu seu orgulho.

– Acho.

– Então o que acontecerá?

– Se a Inglaterra e a França juntas não são capazes de derrotar a Alemanha, então precisamos ter outro aliado, um terceiro país do nosso lado: a Rússia. Se a Alemanha estiver dividida, lutando em duas frentes, poderemos vencer. É claro que o Exército russo é incompetente e corrupto, como tudo o mais naquele país, mas isso não tem importância, desde que desvie as atenções de uma parte do poderio alemão.

Churchill sabia perfeitamente que Lydia era russa. Era uma típica falta de tato menosprezar a Rússia na presença dela. Mas Walden deixou passar, pois estava bastante intrigado com o que Churchill dizia.

– A Rússia já tem uma aliança com a França – comentou.

– Não é suficiente – retrucou Churchill. – A Rússia será obrigada a lutar se a França for atacada. Mas compete a ela decidir se a França é vítima ou agressora. Quando irrompe uma guerra, os dois lados sempre afirmam ser a vítima. Assim, a aliança não obriga a Rússia a lutar, se não quiser. Precisamos que ela renove e confirme o compromisso de ficar do nosso lado.

– Não consigo imaginar vocês dando as mãos ao czar.

– Então está nos julgando mal. Para salvar a Inglaterra, faremos acordo até com o diabo.

– Seus partidários não vão gostar.

– Eles não saberão.

Walden percebeu o rumo que a conversa estava tomando. A perspectiva era emocionante.

– Em que estão pensando? Um tratado secreto? Ou um acordo verbal?

– As duas coisas.

Walden estreitou os olhos e observou Churchill atentamente. Esse jovem demagogo pode ter um cérebro privilegiado, pensou, e esse cérebro pode não estar funcionando a meu favor. Então os liberais querem fazer um acordo secreto com o czar, apesar do ódio do povo inglês contra o brutal regime russo... mas por que me contar tudo isso? É evidente que estão querendo me envolver de alguma forma. Com que objetivo? A fim de terem um conservador em quem lançar a culpa se tudo sair errado? Precisarão de um conspirador mais sutil do que Churchill para me atrair para essa armadilha.

– Continue – disse Walden.

– Já iniciei as negociações navais com os russos, nos mesmos termos de nossas negociações militares com os franceses. Elas já vêm sendo realizadas há algum tempo, mas agora estão começando a ficar mais sérias. Um jovem almirante russo está a caminho de Londres. É o príncipe Aleksei Andreievich Orlov.

– Aleks! – exclamou Lydia.

Churchill se virou para ela.

– Creio que ele seja seu parente, lady Walden.

– Sim – confirmou Lydia, parecendo apreensiva por alguma razão que Walden não conseguia sequer imaginar. – Aleks é filho da minha irmã mais velha, o que faz dele meu... primo?

– Sobrinho – disse Walden.

– Não sabia que ele tinha se tornado almirante – acrescentou Lydia. – Deve ter sido uma promoção recente.

Ela estava, como sempre, no mais absoluto controle de si mesma. Walden concluiu que o tal momento de inquietação não passara de fruto de sua imaginação. Estava satisfeito com a vinda de Aleks a Londres, pois sempre gostara do rapaz.

– Ele é muito jovem para ter tanta autoridade – comentou Lydia.

– Tem 30 anos – disse Churchill a ela, e Walden recordou que Churchill, aos 40 anos, era jovem demais para estar no comando de toda a Marinha Real.

A expressão de Churchill parecia dizer: o mundo pertence a jovens brilhantes como eu e Orlov.

Mas você está precisando de mim para alguma coisa, pensou Walden.

– Além disso – continuou Churchill –, Orlov é sobrinho do czar e, o que é ainda mais importante, uma das poucas pessoas de quem o czar gosta e em quem confia, além de Rasputin. Se há alguém na Marinha russa que pode trazer o czar para o nosso lado é Orlov.

Walden fez a pergunta que estava em sua mente:

– E qual será a minha participação em tudo isso?

– Quero que represente a Inglaterra nas negociações... e quero que me entregue a Rússia numa bandeja.

O homem não consegue resistir à tentação de ser melodramático, pensou Walden.

– Quer que Aleks e eu negociemos uma aliança militar anglo-russa?

– Isso mesmo.

Walden percebeu de imediato como a missão seria difícil, desafiadora e, ao mesmo tempo, gratificante. Disfarçou sua animação e resistiu à tentação de levantar-se e começar a andar de um lado para outro.

– Você conhece o czar pessoalmente – continuou Churchill. – Conhece a Rússia e é fluente em russo. É tio de Orlov pelo casamento. Já persuadiu o czar uma vez a ficar do lado da Inglaterra e não da Alemanha, em 1906, quando interveio para evitar a aprovação do Tratado de Björkö. – Churchill fez uma pausa antes de acrescentar: – Apesar disso, não foi a nossa primeira opção para representar a Inglaterra nas negociações. Do jeito que as coisas estão em Westminster...

– Claro, claro... – Walden não queria começar a discutir *aquilo*. Mas alguma coisa fez com que mudasse de ideia.

– Em suma, você foi a escolha do czar. Parece que é o único inglês em quem ele tem alguma confiança. Seja como for, o czar enviou um telegrama ao primo, Sua Majestade o Rei Jorge V, insistindo para que Orlov negociasse com você.

Walden podia imaginar a consternação entre os radicais ao saberem que teriam de envolver um nobre reacionário do Partido Conservador em tal esquema clandestino.

– Imagino que vocês tenham ficado horrorizados – comentou ele.

– De modo algum. Nas relações internacionais nossas políticas não são muito diferentes das que vocês defendem. E sempre achei que as divergências na política interna não constituem razão suficiente para que seus talentos sejam desperdiçados pelo governo de Sua Majestade.

Agora, a bajulação, pensou Walden. Eles me querem a qualquer custo. Em voz alta, disse:

– Como conseguiremos manter tudo em segredo?

– Parecerá uma visita social. Se você concordar, Orlov ficará hospedado em sua casa durante a temporada em Londres e vocês o apresentarão à sociedade. Se estou certo, sua filha deverá debutar este ano, não é? – perguntou Churchill a Lydia.

– Sim.

– Então de qualquer forma será uma época de muita atividade social para vocês. Orlov é solteiro e, obviamente, um bom partido. Podemos dizer que está procurando uma esposa inglesa. E talvez até a encontre.

– Ótima ideia.

De repente, Walden compreendeu que começava a gostar da perspectiva. Acostumara-se a ser uma espécie de diplomata semioficial nos governos conservadores de Salisbury e Balfour, mas fazia oito anos que não participava da política internacional. Agora tinha a oportunidade de voltar ao palco e recordou como aquilo tudo era atraente e fascinante: o sigilo; a arte da negociação, típica de um jogador; os conflitos de personalidades; o uso cauteloso da persuasão, intimidação ou ameaça de guerra. Lembrou que não era fácil lidar com os russos – eles tendiam a ser caprichosos, obstinados e arrogantes. Mas Aleks seria flexível. Quando Walden se casara com Lydia, ele comparecera à cerimônia, um menino de 10 anos com roupa de marinheiro. Depois, Aleks passara dois anos na Universidade de Oxford e visitara Walden Hall nas férias. O pai do rapaz tinha morrido, por isso Walden lhe dispensara mais tempo do que em geral concederia a um adolescente e fora recompensado pela amizade com uma mente jovem e vivaz.

Era uma base esplêndida para uma negociação. Creio que posso obter os resultados mais favoráveis possíveis, pensou. Que triunfo magnífico será!

– Posso então entender que aceitará a missão? – perguntou Churchill.

– Claro – respondeu Walden.



Lydia se levantou.

– Não, não se levantem – disse, quando os homens começaram a se erguer.

– Vou deixá-los aí falando sobre política. Ficaré para o jantar, Sr. Churchill?

– Infelizmente, tenho um compromisso em Londres.

– Neste caso, despeço-me agora.

Lydia então trocou um aperto de mão com ele e depois saiu da sala octogonal, onde sempre tomavam o chá. Atravessou o saguão grande, seguiu pelo menor e entrou na sala das flores. No mesmo instante, um dos ajudantes de jardineiro – ela não sabia o nome dele – passou pela porta que dava para o jardim com uma braçada de tulipas, rosas e amarelas, para a mesa de jantar. Uma das coisas que Lydia amava na Inglaterra, em geral, e em Walden Hall, em particular, era a profusão de flores. Havia sempre flores frescas pela casa, todas as manhãs e à noite, mesmo no inverno, quando tinham de ser cultivadas em estufas.

O ajudante de jardineiro tocou em seu gorro – não precisava tirá-lo, a menos que lhe fosse dirigida a palavra, já que se entendia que aquela sala fazia parte do jardim –, colocou as flores em uma mesa de mármore e saiu em seguida. Lydia sentou-se e inspirou o ar frio e perfumado. Aquele era um bom aposento para se recuperar de choques, e a conversa a fizera pensar em São Petersburgo e a deixara nervosa. Lembrava-se de Aleksei Andreievich como um menino bonito e tímido no casamento dela; também lembrava que aquele fora o dia mais infeliz de sua vida.

Era um despropósito de sua parte transformar a sala das flores em seu santuário, pensou ela. A casa tinha cômodos para quase todos os fins: salas diferentes para o café da manhã, o almoço, o chá e o jantar; uma sala para jogar bilhar e outra para guardar as armas; salas especiais para lavar roupa, passar a ferro, fazer geleia, limpar prataria, pendurar caça, guardar vinho, escovar roupas... Os aposentos particulares de Lydia compreendiam um quarto, uma sala de vestir e uma sala de estar. E, no entanto, quando queria ficar em paz, ela ia até ali, sentava-se numa cadeira dura e ficava olhando para a pia grosseira de pedra e para as pernas de ferro batido da mesa com tampo de mármore. Sabia que o marido também possuía um santuário extraoficial – quando Stephen estava perturbado com alguma coisa, ia para a sala das armas e lia o livro de caça.

Então Aleks seria hóspede dela durante a temporada em Londres. Falariam sobre a Rússia, a neve, o balé e as bombas. Ver o rapaz a faria pensar em outro jovem russo, o homem com quem não se casara.

Já haviam se passado dezenove anos desde que o vira pela última vez, mas a simples menção a São Petersburgo ainda o trazia de volta à sua mente e deixava sua pele arrepiada por baixo do vestido de seda. Na época ele tinha 19 anos, a mesma idade que ela, e era um ávido estudante de cabelos pretos compridos, traços de lobo e olhos de cocker spaniel. Era magro como um varapau, com a pele muito branca, os pelos do corpo macios e escuros e as mãos hábeis, muito hábeis. Lydia corou pensando não no corpo dele, mas em seu próprio, traindo-a, enlouquecendo-a de prazer, fazendo-a gritar vergonhosamente. Fui imoral, e ainda sou, pois gostaria de fazer tudo outra vez, disse a si mesma.

Pensou no marido com uma pontada de culpa – era raro pensar nele de outra forma. Não o amava quando se casaram, mas agora sim. Ele era forte, afetuoso, e a adorava. Sua afeição era constante e gentil, totalmente desprovida da paixão desesperada que ela conhecera no passado. Ele só era feliz, ponderou Lydia, porque jamais soubera que o amor podia ser selvagem e ávido.

Não quero esse tipo de amor, pensou. Apreendi a viver sem ele e ao longo dos anos foi ficando cada vez mais fácil. E não podia deixar de ser assim – já tenho quase 40 anos!

Algumas de suas amigas ainda sofriam tentações e muitas acabavam cedendo a elas. Não lhe falavam de seus casos amorosos, pois sentiam que Lydia não os aprovava. Mas comentavam a respeito de outras e assim ela ficara sabendo que algumas festas nas mansões do campo eram repletas de... bem, adultério. Certa ocasião, lady Girard lhe dissera com o ar condescendente de uma mulher mais velha que oferece conselhos a uma jovem anfitriã:

– Minha cara, se receber a viscondessa e Charlie Stott na mesma ocasião, *precisa* colocá-los em quartos bem próximos.

Lydia os colocara em cantos opostos da casa, e a viscondessa nunca mais voltara a Walden Hall.

As pessoas diziam que toda essa imoralidade era culpa do falecido rei, mas Lydia não acreditava nisso. Era verdade que fora amigo de judeus e cantores, mas isso não o tornava um libertino. Estivera duas vezes em Walden Hall, a primeira ainda como príncipe de Gales, a segunda já como rei Eduardo VII, e comportara-se impecavelmente em ambas as ocasiões.

Ela gostaria de saber se o novo rei algum dia viria a Walden Hall. Era sempre uma grande tensão ter um monarca como hóspede, mas também era emocionante arrumar a casa da melhor forma possível, servir as refei-

ções mais suntuosas que se podia imaginar e comprar doze vestidos novos só para um fim de semana. E, se o rei viesse, talvez concedesse aos Waldens a cobiçada *entr ee* – o direito de entrar no palácio de Buckingham pelo portão do jardim nas grandes ocasiões, em vez de ficar na fila na The Mall com outras duzentas carruagens.

Lydia pensou em seus hóspedes daquele fim de semana. George era o irmão mais novo de Stephen. Tinha o charme do mais velho, mas nem um pouco de sua seriedade. A filha de George, Belinda, estava com 18 anos, mesma idade de Charlotte. As duas iriam debutar naquela temporada. A mãe de Belinda morrera alguns anos antes, e George tornara a se casar um tanto depressa demais. A segunda mulher, Clarissa, era muito mais nova que ele e bastante vivaz, e dera-lhe filhos gêmeos. Um dos gêmeos herdaria Walden Hall quando Stephen morresse, a menos que Lydia ainda tivesse um filho. Eu bem que poderia, pensou ela. Sinto que posso, mas simplesmente não engravidado.

Estava quase na hora de aprontar-se para o jantar. Ela suspirou. Sentia-se   vontade em seu vestido de chá, com os cabelos louros soltos. Mas agora teria de se enfiar num espartilho e deixar que uma criada arrumasse seus cabelos em um coque no alto da cabeça. Comentava-se que algumas mulheres mais jovens estavam abandonando o espartilho. Isso era ótimo, pensou Lydia, quando se tinha um corpo naturalmente curvilíneo, mas ela era pequena em todos os lugares errados.

Levantou-se e saiu. O ajudante de jardineiro estava parado ao lado de uma roseira, conversando com uma das criadas. Lydia a reconheceu: era Annie, uma moça bonita, voluptuosa e superficial, dona de um sorriso largo e generoso. Ela estava com as mãos nos bolsos do avental, o rosto redondo inclinado para o sol, rindo de algo que o rapaz dissera. A  está uma jovem que não precisa de espartilho, pensou Lydia. Annie deveria estar cuidando de Charlotte e Belinda, pois a governanta tirara a tarde de folga, então Lydia disse bruscamente:

– Annie! Onde estão as moças?

O sorriso de Annie desapareceu, e ela fez uma pequena reverência.

– Não consegui encontr -las, milady.

O ajudante de jardineiro se afastou, encabulado.

– Não parece estar procurando por elas – comentou Lydia. – Trate de se apressar.

– Pois não, milady.

Annie saiu correndo para os fundos da casa. Lydia suspirou – sabia que as moças não estariam por lá, mas não quis se dar ao trabalho de chamar Annie de volta e censurá-la novamente.

Lydia atravessou o gramado pensando em coisas familiares e agradáveis, afastando São Petersburgo da mente. O pai de Stephen, o sétimo conde de Walden, plantara azaleias no lado oeste do parque. Lydia não conhecera o velho, que morrera antes que ela e Stephen se conhecessem, mas ele fora, em todos os aspectos, um dos vitorianos mais impressionantes que existiram. As plantas que escolhera estavam florescendo gloriosamente, ostentando uma explosão nada vitoriana de cores variadas. Temos que contratar alguém para pintar um quadro da casa, pensou Lydia – o último fora pintado antes de o parque estar completamente pronto.

Ela contemplou Walden Hall. A fachada de pedra cinzenta ao sul estava linda e distinta, iluminada pelo sol da tarde. No meio dela ficava a porta sul. A ala leste compreendia a sala de estar e as várias salas de refeições, e atrás delas havia as cozinhas, despensas e lavanderias, que se estendiam até os estábulos. Mais perto de Lydia, na ala oeste, ficavam a sala de estar matinal, a sala octogonal e, no canto, a biblioteca; depois, ao longo da fachada oeste, vinham o salão de bilhar, a sala das armas, sua sala de flores, um salão de fumar e o escritório da propriedade. No segundo andar, os aposentos da família se concentravam quase todos no lado sul, enquanto os quartos de hóspedes ficavam no lado oeste e os dos criados, acima das cozinhas, dando para noroeste, fora de vista. Acima do segundo andar havia uma sucessão irracional de torres, torreões e sótãos. A fachada era toda de cantaria ornamental, no melhor estilo rococó vitoriano, com flores e emblemas esculpidos, dragões, leões e querubins, balcões, ameias, mastros de bandeiras, relógios de sol e gárgulas. Lydia adorava a mansão e sentia-se grata porque Stephen, ao contrário do que acontecia com boa parte da aristocracia antiga, tinha condições de mantê-la.

Avistou Charlotte e Belinda emergirem do meio dos arbustos no outro lado do gramado. Annie não as encontrara, é claro. As duas usavam chapéus de aba larga, vestidos leves de verão, meias pretas e sapatos baixos de colegiais da mesma cor. Como Charlotte ia debutar naquela temporada, podia ocasionalmente usar os cabelos presos em um coque no alto da cabeça e vestir-se a rigor para o jantar. Na maior parte do tempo, no entanto, Lydia a tratava como uma criança, afinal, era um erro deixá-las crescerem muito depressa. As duas primas estavam concentradas na conversa, e Lydia



perguntou-se sobre o que estariam falando. O que havia na minha cabeça quando eu tinha 18 anos?, pensou. Lembrou-se então de um rapaz de cabelos macios e mãos hábeis. Por favor, Deus, permita que os meus segredos fiquem sempre guardados.



– Acha que vamos nos *sentir* diferentes depois que debutarmos? – perguntou Belinda.

Charlotte já pensara a respeito.

– Eu não me sentirei.

– Mas seremos adultas.

– Não vejo como um monte de festas, bailes e piqueniques pode fazer com que uma pessoa se torne adulta.

– Teremos de usar espartilho.

Charlotte deu uma risadinha.

– Você já usou alguma vez? – perguntou.

– Não. E você?

– Experimentei o meu na semana passada.

– E como foi?

– Horrível. Não se consegue andar direito.

– E a sua aparência, como ficou?

Charlotte gesticulou com as mãos para indicar um busto enorme. As duas desataram a rir. Ela avistou a mãe e ficou séria, esperando uma reprimenda. Mas Lydia parecia preocupada e limitou-se a sorrir vagamente enquanto se afastava.

– Mas será bem divertida – comentou Belinda.

– A temporada? Será, sim – murmurou Charlotte, parecendo em dúvida.

– Mas qual o sentido de tudo isso?

– Ora, podermos conhecer o tipo certo de rapaz, é claro.

– Ou seja, procurar um marido.

Chegaram ao carvalho grande no meio do gramado. Belinda sentou-se no banco embaixo da árvore, parecendo um pouco mal-humorada.

– Acha que debutar não passa de uma tolice, não é mesmo?

Charlotte sentou-se ao lado dela e olhou para o outro lado do tapete de relva, na direção da longa fachada sul de Walden Hall. As janelas góticas altas faiscavam ao sol da tarde. Dali, a casa dava a impressão de que fun-

cionava racional e regularmente. Por trás daquela fachada, no entanto, era uma confusão encantadora.

– O que acho tolice é ser obrigada a esperar tanto tempo. Não tenho a menor pressa de ir a bailes, visitar pessoas à tarde e conhecer rapazes, e não me importaria se nunca fizesse essas coisas. Mas fico furiosa por ainda ser tratada como uma criança. Detesto ter de jantar com Marya, que é totalmente ignorante, ou fingir ser. Pelo menos na sala de jantar é possível ter conversas melhores. Papai fala de coisas interessantes. Quando fico entendiada, Marya sugere que joguemos cartas. Mas não quero *jogar* nada. Passei a vida toda fazendo isso.

Charlotte suspirou. Falar sobre aquilo deixava-a ainda mais furiosa. Olhou para o rosto sereno e sardento de Belinda, emoldurado por um halo de cachos ruivos. O rosto de Charlotte era oval e ela tinha o nariz reto, o queixo forte, cabelos grossos e pretos. A despreocupada Belinda, pensou ela; essas coisas não a incomodam, porque nunca se incomoda com nada.

Charlotte tocou o braço da jovem.

– Desculpe. Acho que exagerei.

– Não foi nada. – Belinda deu um sorriso indulgente. – Você está sempre se irritando com coisas que não pode mudar. Lembra quando resolveu que queria ir para Eton?

– Isso nunca aconteceu!

– Claro que aconteceu. Você queria ir e armou a maior confusão. Falou: “Papai estudou em Eton, então por que eu também não posso ir para lá?”

Charlotte não se lembrava do incidente, mas não podia negar que era uma atitude típica dela aos 10 anos.

– Mas você acha mesmo que essas coisas não podem ser diferentes, Belinda? Debutar e ir para a temporada em Londres, ficar noiva, depois casar...

– Você pode fazer um escândalo e ser obrigada a emigrar para a Rodésia.

– Não sei direito o que é preciso fazer para provocar um escândalo.

– Nem eu.

As jovens ficaram em silêncio por algum tempo. Havia momentos em que Charlotte gostaria de ser tranquila como Belinda. A vida seria bem mais simples... mas também seria terrivelmente chata.

– Perguntei a Marya o que se espera que eu faça depois que me casar, e sabe o que ela respondeu? – Charlotte imitou o sotaque gutural russo da governanta: – “Fazer? Como assim, minha criança? Você não vai fazer *nada!*”

– Ah, isso é bobagem – disse Belinda.

– Será mesmo? O que sua mãe e a minha fazem?

– Elas são membros da boa sociedade. Vão a festas, viajam para o campo, assistem a óperas e...

– Justamente o que eu estava dizendo. Nada – insistiu Charlotte.

– Elas têm filhos...

– Isso é diferente. Elas fazem o maior *segredo* sobre ter filhos.

– Porque é... vulgar.

– Por quê? O que há de vulgar em ter filhos? – Charlotte percebeu que estava ficando exaltada de novo. Marya sempre dizia a ela para não se exaltar. Respirou fundo e baixou a voz ao acrescentar: – Nós duas vamos ter filhos. Não acha que poderiam nos dizer alguma coisa sobre como isso acontece? Afinal, estão sempre exigindo que a gente saiba tudo a respeito de Mozart, Shakespeare e Leonardo da Vinci.

Belinda parecia constrangida, mas muito interessada. Ela se sente da mesma forma que eu, pensou Charlotte. Será que sabe de alguma coisa?

– Sabia que eles crescem dentro da gente? – perguntou Charlotte.

Belinda assentiu e depois disparou sem pensar:

– Mas como começa?

– Ah, acho que apenas acontece, quando a gente faz 21 anos. É por isso que uma moça deve virar debutante e participar da temporada... para arrumar um marido antes de começar a ter bebês. – Charlotte hesitou por um instante antes de acrescentar: – Acho que é isso.

– E como eles saem?

– Não sei. São muito grandes?

Belinda abriu as mãos por mais de meio metro.

– Os gêmeos eram deste tamanho com um dia de idade. – Ela pensou mais um pouco, reduziu a distância. – Talvez fossem um pouco menores...

– Quando uma galinha põe um ovo, sai... por trás. – Charlotte evitou os olhos de Belinda. Nunca tivera uma conversa tão íntima com alguém. – O ovo também parece muito grande, mas sai.

Belinda inclinou-se para mais perto e falou baixinho:

– Uma vez vi Daisy tendo um bezerro. É a vaca Jersey da fazenda. Os homens não sabiam que eu estava olhando.

Charlotte estava fascinada.

– O que aconteceu?

– Foi horrível. Tive a impressão de que a barriga se abriu, e saiu um monte de sangue e outras coisas – disse Belinda, estremecendo.

– Isso me deixa apavorada. Fico com medo de que aconteça comigo antes de eu saber como é. Por que não nos contam nada?

– Não deveríamos estar conversando sobre esse assunto.

– Mas que diabo! Temos todo o direito de falar!

Belinda arfou.

– Praguejar só vai piorar as coisas!

– Não me importo. – Charlotte estava furiosa por saber que não havia qualquer possibilidade de descobrir como essas coisas aconteciam, ninguém a quem perguntar, nenhum livro a consultar... De repente, teve uma ideia. – Há um armário trancado na biblioteca... Aposto que está cheio de livros sobre esse assunto. Vamos dar uma olhada!

– Mas se está trancado...

– Ah, eu sei há anos onde guardam a chave.

– Ficaremos enrascadas se formos apanhadas.

– Eles estão trocando de roupa para o jantar. É a nossa chance.

Charlotte se levantou. Belinda ainda hesitava.

– Vai ter a maior briga.

– Não me importo. Vou dar uma olhada naquele armário e, se você quiser, pode ir comigo.

Charlotte virou-se e encaminhou-se para a casa. Logo depois, Belinda saiu correndo para alcançá-la, como Charlotte tinha certeza de que aconteceria.

Elas passaram pelo pórtico e pelo saguão altivo e elegante. Virando à esquerda, atravessaram a sala de estar e a sala octogonal e entraram na biblioteca. Charlotte dizia a si mesma que era uma mulher e tinha o direito de saber, mas ainda assim sentia-se como uma menininha malcriada.

A biblioteca era o seu local predileto. Localizada num canto da casa, era bem iluminada pela claridade que entrava por três janelas grandes. As cadeiras estofadas em couro eram antigas e surpreendentemente confortáveis. No inverno, a lareira ficava acesa o dia inteiro, e o aposento continha jogos e quebra-cabeças, além de dois ou três mil livros. Alguns eram bastante antigos, da época em que a casa tinha sido construída, mas muitos eram novos – os romances que sua mãe lia e os livros de assuntos diversos em que seu pai tinha interesse: química, agricultura, viagens, astronomia e história. Charlotte gostava de ir à biblioteca especialmente nos dias em que Marya estava de folga e não podia tirar-lhe das mãos um livro de Thomas Hardy e substituí-lo por um título infantil. Havia ocasiões em que o pai

lhe fazia companhia na biblioteca, sentado à escrivaninha vitoriana, lendo um catálogo de máquinas agrícolas ou o balanço de uma estrada de ferro americana, sem jamais interferir em suas escolhas.

A biblioteca estava vazia agora. Charlotte foi direto para a mesa, abriu uma gaveta pequena e quadrada e tirou uma chave.

Havia três armários encostados na parede ao lado da escrivaninha. Um deles continha jogos em caixas, outro tinha papéis de carta e envelopes com o timbre dos Waldens. O terceiro estava trancado. Charlotte abriu-o com a chave.

Lá dentro havia em torno de trinta livros e uma pilha de revistas velhas. Ela deu uma olhada numa das revistas. A primeira não pareceu promissora. Apressadamente, pegou dois livros ao acaso, sem olhar para os títulos. Fechou e trancou o armário, tornando a guardar a chave na gaveta.

– Pronto! – exclamou, triunfante.

– Aonde podemos ir para ler esses livros? – sussurrou Belinda.

– Lembra-se do esconderijo?

– Ah! Sim!

– Por que estamos sussurrando?

As duas riram. Charlotte foi até a porta. De repente, ouviu uma voz na entrada, chamando:

– Lady Charlotte... Lady Charlotte....

– É Annie – disse, voltando-se para Belinda. – Está nos procurando. É uma moça agradável, mas muito boba. Vamos para o outro lado. Depressa!

A jovem atravessou a biblioteca e passou para o salão de bilhar, que levava à sala de armas. Mas havia alguém neste último cômodo. Charlotte parou para ouvir.

– É papai – sussurrou Belinda, parecendo apavorada. – Ele tinha saído com os cachorros.

Felizmente, havia um par de portas francesas que davam do salão de bilhar para o terraço. Charlotte e Belinda saíram, fechando as portas em silêncio. O sol estava baixo e vermelho, projetando grandes sombras pelo gramado.

– Como vamos voltar? – perguntou Belinda.

– Pelos telhados. Venha comigo!

Charlotte contornou os fundos da casa correndo e atravessou a horta em direção aos estábulos. Tinha colocado os dois livros no corpete do vestido e apertado o cinto, para que não caíssem.

Em um canto do pátio dos estábulos havia degraus que levavam ao telhado dos aposentos dos criados. Charlotte subiu primeiro na arca de ferro usada para armazenar lenha, depois passou para o telhado de zinco corugado de um galpão onde se guardavam ferramentas e que ficava colado à lavanderia. Em seguida, subiu para o telhado inclinado da lavanderia. Virou-se e olhou para trás. Belinda a seguia.

Charlotte se deitou de bruços nas telhas de ardósia e foi se arrastando para o lado, como um caranguejo, apoiando-se nas palmas das mãos e nas laterais dos sapatos, até que o telhado terminou numa parede. Então ela engatinhou até a cumeeira do telhado e sentou-se ali, com uma perna para cada lado. Belinda alcançou-a e sussurrou:

– Isso não é perigoso?

– Faço isso desde meus 9 anos.

Acima delas ficava a janela de um dos quartos do sótão, compartilhado por duas copeiras. A janela era alta, a parte de cima quase encostando no telhado, inclinado dos dois lados. Charlotte se levantou e deu uma espiada no quarto. Não havia ninguém lá dentro. Subiu para o peitoril da janela e ficou de pé.

Inclinou-se para a esquerda, passou um braço e uma perna pela beirada do telhado e se ergueu para as telhas de ardósia. Virou-se e ajudou Belinda a subir também.

Elas ficaram deitadas ali por um momento, recuperando o fôlego. Charlotte lembrava-se de alguém ter comentado com ela que Walden Hall tinha cerca de 1,5 hectare de telhados. Era difícil de acreditar até se chegar lá em cima e descobrir que poderia se perder entre as cumeeiras e vales. Daquele ponto, era possível chegar a qualquer parte dos telhados usando as passagens, escadas e túneis instalados para os homens da manutenção que apareciam todas as primaveras para limpar as calhas, pintar os canos e trocar as telhas quebradas. Charlotte se levantou.

– Vamos. O resto é fácil.

Havia uma escada para o telhado seguinte, depois uma passagem estreita, em seguida alguns degraus de madeira que levavam a uma porta pequena e quadrada na parede. Charlotte abriu a porta, engatinhou para dentro e, pronto, estava em seu esconderijo.

Era uma sala de teto baixo, sem janelas, com assoalho de tábuas cheias de farpas que podiam machucar quem não tomasse cuidado. Charlotte imaginava que em outros tempos fora usada como depósito, mas agora tinha

sido totalmente esquecida. Uma porta no outro lado dava para um pequeno cômodo junto ao quarto das crianças, que havia anos não era usado. Charlotte descobrira o local quando tinha 8 ou 9 anos e passara a usá-lo como esconderijo para escapar da vigilância – algo que ela parecia fazer desde sempre. Havia almofadas no chão, velas em potes e uma caixa de fósforos. Sobre uma das almofadas estava um velho cachorro de brinquedo que Charlotte escondera ali oito anos antes, depois que Marya, a governanta, ameaçara jogá-lo fora. Em uma mesinha, um vaso rachado continha vários lápis de cor e, ao lado dele, havia um estojo de couro vermelho para lápis e papel. Walden Hall passava por um inventário periódico, e Charlotte lembrava que a Sra. Braithwait, a governanta, certa vez comentara que objetos inusitados tinham sumido.

Belinda também entrou no esconderijo e Charlotte acendeu as velas. Tirou os dois livros do corpete e verificou os títulos. Um deles era sobre medicina doméstica e o outro era um romance erótico. O livro médico parecia mais promissor. Charlotte se sentou numa almofada e o abriu. Belinda se acomodou a seu lado, com uma expressão de culpa. Charlotte tinha a sensação de que estava prestes a descobrir o segredo da vida.

Folheou o livro. Parecia explícito e detalhado ao falar de reumatismo, ossos quebrados e sarampo. Mas quando se tratava de parto, tornava-se, de repente, impenetravelmente vago. Havia referências misteriosas a dores, bolsas estourando e um cordão que tinha de ser amarrado em dois lugares, depois cortado com uma tesoura previamente mergulhada em água fervente. O capítulo era claramente destinado a pessoas que já sabiam bastante a respeito do assunto. Havia um desenho de uma mulher nua. Charlotte notou, mas ficou envergonhada demais para dizer a Belinda, que a mulher no desenho não tinha pelos num determinado lugar em que ela tinha em abundância. Havia também um desenho de um bebê dentro da barriga da mulher, mas nenhuma indicação de uma passagem pela qual ele pudesse sair.

– O médico deve cortar a barriga para o bebê sair – comentou Belinda.

– Então como faziam no tempo em que não existiam médicos? – retrucou Charlotte. – A verdade é que este livro não é bom.

Ela abriu o outro volume ao acaso e leu em voz alta a primeira frase que lhe atraiu a atenção:

– “Ela se abaixou com uma lentidão lasciva sobre a minha lança rígida e depois começou os seus deliciosos movimentos para a frente e para trás.”

Charlotte franziu o rosto, olhando para Belinda, que murmurou:  
– O que será que isso significa?



Feliks Kschessinsky estava sentado em um vagão, esperando que o trem saísse da estação de Dover. Fazia frio e ele permanecia absolutamente imóvel. Estava escuro lá fora, e ele podia ver seu reflexo na janela: um homem alto, de bigode impecável, usando um casaco preto e chapéu-coco. Havia uma pequena maleta no suporte de bagagem acima de sua cabeça. Ele poderia passar por um representante comercial de um fabricante de relógios suíços, a não ser pelo fato de usar um casaco ordinário, de a maleta de papelão não escapar aos olhos de um observador mais atento e de seu rosto não ser o de um vendedor de relógios.

Pensava na Inglaterra. Podia lembrar-se do tempo em que, na juventude, sustentara que a monarquia constitucional da Inglaterra era a forma ideal de governo. A recordação divertiu-o e o rosto pálido refletido na janela presenteou-o com o vestígio de um sorriso. Fazia muito tempo que mudara de ideia a respeito da forma ideal de governo.

O trem partiu e alguns minutos depois Feliks contemplava o sol nascer sobre os pomares e campos de lúpulo de Kent. Ele nunca deixava de ficar impressionado ao constatar como a Europa era *bonita*. Sofrera um choque profundo ao vê-la pela primeira vez. Como qualquer camponês russo, sempre fora incapaz de imaginar que o mundo pudesse ser assim. Lembra que, na ocasião, estava num trem. Atravessara centenas de quilômetros pelas províncias escassamente povoadas do noroeste da Rússia, com suas árvores raquíticas, vilarejos miseráveis enterrados na neve e estradas lamacentas e sinuosas. E, de repente, acordara uma manhã e descobrira-se na Alemanha. Contemplando os campos verdes impecáveis, as estradas pavimentadas, as lindas casas em aldeias limpas, os canteiros de flores na estação ferroviária, pensara estar no paraíso. Depois, na Suíça, sentado na varanda de um pequeno hotel, aquecido pelo sol ainda à vista acima das montanhas cobertas de neve, tomando café e comendo um pão fresco e crocante, pensara: As pessoas aqui devem ser muito felizes.

Agora, observando as fazendas inglesas iniciarem suas atividades ao nascer do dia, recordou o amanhecer em sua aldeia natal: um céu cinzento, em ebulição, e um vento cortante; um campo pantanoso congelado, com



poças de gelo e tufo de mato aparecendo; ele próprio num casaco surrado de lona, os pés já dormentes calçados em tamancos; o pai andando a seu lado, usando as roupas puídas de um sacerdote rural empobrecido, argumentando que Deus era bom. O pai amara o povo russo porque Deus também o amava. Para Feliks, no entanto, sempre fora muito claro que Deus odiava o povo, pois o tratava com a maior crueldade.

Essa discussão fora o início de uma longa jornada que levara Feliks do cristianismo ao socialismo e então ao terror anarquista; da província de Tambov a São Petersburgo e à Sibéria; e por fim a Genebra. E, em Genebra, ele tomara a decisão que o levara à Inglaterra. Lembrou-se da reunião. Quase a perdera...



Quase perdera a reunião. Estivera na Cracóvia, negociando com os judeus poloneses que contrabandeavam a revista *Motim* para a Rússia, através da fronteira. Chegou a Genebra depois do anoitecer e foi direto para a pequena gráfica de Ulrich. O comitê editorial estava reunido, quatro homens e duas mulheres, em torno de uma vela, nos fundos da gráfica, atrás da prensa reluzente, inalando os odores de papel-jornal e máquinas lubrificadas, planejando a revolução russa.

Ulrich atualizou Feliks nos assuntos que estavam sendo discutidos. Ele estivera com Josef, um espião da Okhrana, a polícia secreta russa. Josef simpatizava secretamente com os revolucionários e fornecia informações falsas à Okhrana em troca de dinheiro. Os anarquistas às vezes lhe transmitiam informações verdadeiras, mas inofensivas. Josef retribuía com dados sobre as atividades da Okhrana.

As notícias que Josef tinha naquele momento eram sensacionais.

– O czar quer fazer uma aliança militar com a Inglaterra – disse Ulrich a Feliks. – Está enviando o príncipe Orlov a Londres para negociar. A Okhrana está a par porque tem que proteger o príncipe na viagem pela Europa.

Feliks tirou o chapéu e sentou-se, ponderando se aquilo era mesmo verdade. Uma das mulheres, uma russa triste e desleixada, trouxe-lhe chá num copo. Feliks tirou do bolso a metade de um torrão de açúcar, colocou-o entre os dentes e bebeu o chá através dele, à maneira camponesa.

– Então, a Inglaterra poderia travar uma guerra com a Alemanha e obrigar os russos a lutarem – acrescentou Ulrich.

Feliks assentiu. A moça que lhe servira o chá comentou:

– E não serão os príncipes e condes que morrerão, mas sim o povo russo.

Ela estava certa, pensou Feliks. Os camponeses é que lutariam na guerra. Ele passara a maior parte da vida entre aquela gente. Eram rudes, carrancudos e intolerantes, mas a generosidade desmedida e as ocasionais explosões de pura alegria indicavam como poderiam ser numa sociedade decente. Suas preocupações eram o clima, os animais, as doenças, o nascimento de crianças e a vontade de passar a perna nos proprietários de terras. Por um breve período, no final da adolescência, eram vigorosos e íntegros, e podiam sorrir, correr, namorar. Mas logo se tornavam encurvados, grisalhos, lerdos, soturnos. Agora, o príncipe Orlov arrebanharia esses jovens na flor da idade e os colocaria na frente de canhões para serem mortos ou mutilados para sempre, certamente pelos melhores motivos da diplomacia internacional.

Eram coisas assim que faziam com que Feliks fosse um anarquista.

– O que devemos fazer? – perguntou Ulrich.

– Temos que estampar a notícia na primeira página da *Motim!* – exclamou a mulher.

Eles começaram a discutir como a notícia deveria ser transmitida. Feliks ficou escutando, em silêncio. As questões editoriais não o interessavam muito. Ele distribuía a revista e escrevia artigos em que explicava como fazer bombas, mas sentia-se bastante infeliz. Tornara-se extremamente civilizado em Genebra. Tomava cerveja em vez de vodca, usava camisa e gravata, ia a concertos de música clássica, tinha um emprego numa livraria. Enquanto isso, a Rússia fervilhava. Os petroleiros estavam em guerra com os cossacos, o parlamento mostrava-se impotente, um milhão de trabalhadores estava em greve. O czar Nicolau II era o soberano mais incompetente e obtuso que uma aristocracia degenerada podia produzir. O país era um barril de pólvora só esperando uma centelha. Feliks queria ser essa centelha. Mas voltar era muito perigoso. Stalin retornara e assim que pisara em solo russo fora despachado para a Sibéria. A polícia secreta conhecia os revolucionários exilados ainda mais do que conhecia os que ainda estavam na Rússia. Feliks sentia-se irritado por sua camisa de colarinho, pelos sapatos de couro e pelas circunstâncias em que se encontrava.

Correu os olhos pelo pequeno grupo de anarquistas: Ulrich, o tipógrafo, com seus cabelos brancos e seu avental sujo de tinta, era um intelectual que emprestava a Feliks livros de Proudhon e Kropotkin, mas também era um

homem de ação que certa vez o ajudara a assaltar um banco; Olga, a moça desleixada que parecia apaixonada por Feliks até o dia em que o vira quebrar o braço de um guarda e passara a temê-lo; Vera, a poetisa promíscua; Yevno, o estudante de filosofia que falava muito sobre uma onda de purificação de sangue e fogo; Hans, o fabricante de relógios, que perscrutava a alma das pessoas como se as olhasse através de sua lente de aumento; e Piotr, o conde despojado, autor de tratados de economia brilhantes e editoriais revolucionários inspiradores. Eram pessoas honestas e trabalhadoras, extremamente inteligentes. Feliks sabia como eram importantes, pois estivera na Rússia, entre os desesperados que aguardavam com impaciência os jornais e panfletos contrabandeados, passando-os de mão em mão, até ficarem em frangalhos. Ainda assim, o que faziam não era suficiente, pois os tratados econômicos não protegiam as pessoas das balas da polícia e os artigos inflamados não queimavam palácios.

Ulrich estava dizendo:

– A notícia merece uma circulação mais ampla do que poderá obter na *Motim*. Quero que cada camponês da Rússia saiba que Orlov está querendo jogá-lo numa guerra inútil e sangrenta, por causa de algo que absolutamente não lhe diz respeito.

– O primeiro problema é saber se acreditarão em nós – comentou Olga.

– O primeiro problema é saber se a história é verdadeira – interveio Feliks.

– Podemos verificar – disse Ulrich. – Os camaradas de Londres podem descobrir se Orlov chegará no momento previsto e se encontrará com as pessoas que precisa.

– Não é suficiente espalhar a notícia – declarou Yevno, muito agitado. – Temos que acabar com isso!

– Como? – perguntou Ulrich, observando o jovem por cima dos óculos de aros de arame.

– Devíamos exigir o assassinato de Orlov. Ele é um traidor do povo e merece ser executado.

– E isso impediria as negociações?

– Provavelmente – interveio o conde Piotr. – Sobre tudo se o assassino fosse um anarquista. Devemos lembrar que a Inglaterra proporciona asilo político aos anarquistas, e isso enfurece o czar. Se um de seus príncipes for morto na Inglaterra por um de nossos camaradas, o czar pode ficar furioso o bastante a ponto de cancelar todas as negociações.

– E que história sensacional teríamos! – exclamou Yevno. – Poderíamos

dizer que Orlov foi assassinado por um dos nossos pelo crime de traição contra o povo russo.

– Todos os jornais do mundo publicariam uma notícia como *essa* – comentou Ulrich.

– Pensem no efeito que isso teria na Rússia. Sabem como os camponeses russos se sentem em relação ao recrutamento. É uma sentença de morte. Eles fazem um funeral quando um jovem vai para o Exército. Se souberem que o czar está planejando obrigá-los a lutar em uma grande guerra europeia, os rios vão ficar vermelhos de sangue...

Ele estava certo, pensou Feliks. Yevno sempre falava assim, mas desta vez ele tinha razão.

– Acho que você está sonhando, Yevno. Orlov está numa missão secreta. Não vai desfilár por Londres numa carruagem aberta, acenando para as multidões. Além do mais, eu conheço os camaradas de Londres. Eles nunca assassinaram ninguém. Não vejo como poderia ser feito – disse Ulrich.

– Pois eu sei como – declarou Feliks.

Todos olharam para ele. As sombras em seus rostos se alteravam conforme a chama da vela bruxuleava.

– Sei como pode ser feito. – A voz de Feliks parecia estranha, como se a garganta dele estivesse sendo espremida. – Irei a Londres e matarei Orlov.

O silêncio tomou conta do lugar. Toda aquela conversa sobre morte e destruição tornava-se de repente real e concreta. Todos pareciam aturridos, à exceção de Ulrich, que sorria, satisfeito, quase como se tivesse planejado desde o início que as coisas tomassem aquele rumo.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)